



**PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1**

Tuesday 18 November 2003 (afternoon)  
Mardi 18 novembre 2003 (après-midi)  
Martes 18 de noviembre de 2003 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d’y être autorisé.
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A soit la section B. Écrire un commentaire comparatif.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

*Escolha a Secção A ou a Secção B.*

## SECÇÃO A

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os dois textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.*

### Texto 1 (a)

Julga-se, em geral, que os provérbios são sempre textos antigos, como se julga que são sempre textos colectivos.

Colectivos são-no, sem dúvida, mas não necessariamente na produção - porque podem sê-lo apenas no uso ou no consumo. Não será difícil encontrar o autor de alguns  
5 provérbios. Foi Séneca que observou que “cada galo canta no seu poleiro”; foi Shakespeare que garantiu que “o hábito não faz o monge”; foi Benjamim Franklin que decretou que “o tempo é dinheiro”.

Mas este último exemplo, pode seguir a existência de provérbios fabricados muitos séculos depois do bíblico Livro dos Provérbios, e aos quais não convirá tanto o  
10 qualificativo comum: velho, antigo (provérbio ou ditado, adágio, rifão).

Na verdade, cada dia se inventam ou consagram novos provérbios, que, se fazem esquecer outros, também contribuem para aumentar um corpus<sup>1</sup> já enorme e difícil de estabelecer.

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena” é hoje um provérbio - mais do que uma  
15 citação de um verso de Fernando Pessoa. Os poetas (os escritores) estão na origem de inúmeros provérbios, que aliás são textos poéticos. Mas, às vezes, eles próprios se encarregam também de criar falsos provérbios ou anti-provérbios.

Seguindo um modelo proposto por Éluard e Péret, os surrealista portugueses Alexandre O’Neill e Mário Césariny de Vasconcelos puseram a circular em 1947 “provérbios” como  
20 estes:

“Pão a cozer - menino a ler”. “Mulher francesa - toalha na mesa”. “Gente que berra - marinheiro em terra”. “Mesa de pinho - carapauzinho”. “Água a correr - é de endoidecer”.

“Provérbios” novos, ainda será cedo para dizer se “pegaram”. Mas mesmo que estes  
25 ou outros novos textos não comecem a circular como provérbios, haverá sempre modificações ou actualizações dos velhos provérbios.

Arnaldo Saraiva, *Jornal de Notícias* (1985) Portugal

---

<sup>1</sup> corpus – conjunto de dados

**Texto 1 (b)**

**Bom Conselho**

Ouçã um bom conselho  
Que lhe dou de graça  
Inútil dormir  
Que a dor não passa.  
5 Espere sentado  
Ou você se cansa  
Estã provado  
Quem espera nunca alcança.

Ouçã meu amigo  
10 Deixe esse regaçõ  
Brinque com meu fogo  
Venha se queimar.  
Faça como eu digo  
Faça como eu façõ  
15 Aja duas vezes antes de pensar.  
Corro atrás do tempo  
Vim de não sei onde  
Devagar é que  
Não se vai longe.  
20 Eu semeio o vento  
Na minha cidade  
Vou pra rua e bebo a tempestade.

Chico Buarque da Holanda, *Um Bom Conselho* (1977) Brasil

## SECÇÃO B

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.*

### **Texto 2 (a)**

Evidentemente que há muita coisa de que eu não gosto na programação de todos os canais, mas recuso-me a diabolizar a televisão e a aceitar passivamente a demissão dos professores, dos pais, das crianças e dos jovens. Na escola primária dos meus filhos estava escrita uma frase que nunca esqueci - “Gente crescida parece tonta, não sabe nada do faz-de-conta”.

Impressiona a dificuldade que muitos adultos têm em aceitar a fantasia do mundo infantil, e em compreender que a maioria das crianças e dos jovens sabe que aqueles tiros são todos a fingir, e que os mares revoltos são piscinas de estúdios de cinema.

Preocupa mais a violência real das guerras e dos assassinios dos telejornais e, sobretudo, os pais e os professores que se recusam a compreender a enorme importância da televisão e não a utilizam nos seus diálogos com os mais novos.

Não pretendo pôr de parte a possível influência da televisão na génese de comportamentos violentos ou desajustados da população mais jovem, mas pretendo afirmar também que a televisão ensina muitas coisas e é difícil conceber hoje um mundo sem a sua presença. Ao observarem uma série na televisão, os jovens estão a fazer uma antecipação de experiências sociais que lhes podem permitir lidar melhor se essa situação surgir no seu quotidiano. Para que isso aconteça, é evidente que é preciso melhorar a qualidade de muitos programas televisivos, e sobretudo face aos mais novos, ajudar a distinguir a fantasia da realidade, fornecer dados para compreender a motivação das personagens ficcionadas e questionar os valores em presença numa discussão livre e aberta.

Quando falamos de influências, temos de compreender que há muitas variáveis em questão, que interferem e condicionam a forma como se vê televisão: a idade, o sexo, a classe social, a personalidade de quem vê, a atitude do espectador, o diálogo que pode estabelecer sobre o que está a ver, o seu estado de espírito no momento, as condições de observação...

Daniel Sampaio, texto adaptado da *Revista Notícias Magazine* (2000) Portugal

**Texto 2 (b)**

- Já reparaste, pai, que as televisões dão cada vez mais destaque aos crimes violentos e menos destaque às coisas positivas que acontecem na sociedade? A avó, por exemplo quando eu lá vou almoçar a casa só me fala desses casos trágicos.
- Infelizmente assim é. As televisões, ou melhor, os canais de televisão têm que vencer as guerras de audiências, e, por isso, quanto mais sangue houver mais o sentido mórbido das pessoas é despertado.
- 5 – E isso é mau ou bom?
- Claro que é mau, porque desloca a atenção de quem está em casa a ver televisão para casos isolados, deixando quase sempre de fora as causas e as explicações. O importante dentro dessa lógica de mercado, é atrair mais e mais telespectadores. E é assim que se vai reforçando a ideia de que a criminalidade não pára de aumentar e que vivemos todos à beira do abismo.
- 10 – Mas se é a realidade...
- Não é a realidade, é uma parte da realidade. Não é verdade, é apenas uma parte da verdade, quando é, de facto, verdade. Claro que a criminalidade e a insegurança dos cidadãos vem aumentando, mas mostrar só isso é mostrar somente uma parte da realidade. (...)
- Queres dizer que nem sempre nos é mostrada a parte mais importante da realidade?
- É isso mesmo que te quero dizer. Muitas vezes o que é mostrado é a parte da realidade que interessa mostrar. E é assim que as pessoas formam a sua opinião e muitas vezes criam preconceitos difíceis de combater. Sabes como é fácil tirar conclusões precipitadas a partir de pequenos episódios, de casos mais ou menos isolados.
- 20 – Mas olha que a avó acha sempre que sabe tudo o que se passa e que nada do que se passa no país lhe escapa.
- É verdade, eu sei como ela pensa sobre estas coisas. Mas aí tens um bom exemplo: a tua avó passa cinco ou seis horas por dia à frente da televisão e, para ela, aquela é a única janela que se abre sobre o mundo. Quem vê muitas horas de televisão pensa que tem o mundo todo dentro de casa, mas engana-se, porque o mundo é muito maior e muito mais complexo, e o que é pior é que a televisão nem sempre ajuda a reforçar a cidadania. Quem passa muitas horas agarrado a um ecrã de televisão ou de computador participa pouco, porque está pouco com os outros, porque transforma em opinião as ideias dominantes que lhe são transmitidas.
- 30

José Jorge Letria, *A cidadania explicada aos jovens...e aos outros* (1995) Portugal

---